

## ALGUMAS ESTAÇÕES DO NOTURNO INDIANO, DE ANTONIO TABUCCHI

DAVID J. PEREIRA\*

*E tinhas muitos rostos  
Para que não sendo ninguém dissesses tudo  
Viajavas no avesso no inverso no adverso*

Sophia de Mello Breyner Andresen

O livro que gostaria de colocar em evidência neste breve artigo, o *Noturno indiano*, poderia ser classificado como uma espécie de **caderno de bordo** com anotações de uma viagem de doze dias feita pelo escritor italiano Antonio Tabucchi à Índia.

O contorno do diário ganha um curioso perfil: não narra ações transcorridas durante os **dias** da jornada, mas descreve principalmente aquilo que se passou durante as **noites**: as *silenciosas noites indianas* (p. 55), espaço que poderíamos entender como do imaginário, do poético, do sonho, da utopia, da paixão, do desconhecido, da movimentação dos trens e dos destinos, das revelações, do mistério da criação artística e do encontro consigo mesmo em meio à solidão.

Nas páginas iniciais temos um índice dos lugares do livro. São doze cenários visitados pelo narrador-protagonista; uma dúzia de ambientações percorridas, cada uma delas correspondendo a uma noite e um capítulo. São alguns hotéis, em várias cidades; um hospital em Bombaim; uma parada de ônibus na estrada Mangalore - Madras; o Arcebispado português em Goa; a Sociedade Teosófica às margens do rio Adyar; uma estação de trem e, entre outros locais, a praia de Calangute. Agora, com

---

\* Mestrando do Programa.

esses novos dados, o **diário** ganha outra utilidade. O próprio Tabucchi, em uma nota de abertura, falando da apresentação desse repertório topográfico, comenta:

*eu também tive de percorrer os mesmos lugares que o protagonista desta história percorreu, pareceu-me oportuno apresentar um breve índice deles. [O que poderia] iluminar este Noturno em que se procura uma sombra (...)* (p. 7).

Na visão de Tabucchi cabe a conjectura de que algum amante dos percursos incongruentes, alguém mais para o viajante do que para o turista, um **flâneur** aventureiro, possa eventualmente utilizar o volume como guia. Aceitamos o convite e embarcamos. Navegamos no ritmo da prosa de Tabucchi, sentimos com que equilíbrio o autor administra uma ampla gama de recursos estilísticos delicados: mudanças súbitas de registro, interpolações significantes, anotações casuais, quase-aforismos. Por uma escrita tensa acompanhamos o protagonista - personagem sem nome que leva somente uma pequena valise.

Logo no primeiro parágrafo o narrador nos revela:

*Meu guia se intitulava **Índia, a travel survival kit**, tinha-o comprado em Londres mais por curiosidade do que por outro motivo, porque trazia informações bastante bizarras e à primeira vista supérfluas sobre a Índia. Só mais tarde me dei conta da sua utilidade* (p. 11).

Assim, num golpe metalingüístico, temos o melhor resumo e a mais precisa interpretação dessa pequena obra-prima contemporânea, também ela recheada de curiosidades aparentemente dispensáveis.

Podemos então lembrar a frase de abertura do volume: *Este livro, além de uma insônia, é uma viagem* (p. 7). Caminhada de um narrador buscando a si mesmo - e nós, leitores, também seguimos essa aventura tão característica do homem contemporâneo: sempre procurando sua Ítaca interior, sua personalidade, o centro, **self**, seu Eu. O centro gravitacional dessa investigação pode estar localizado em uma estranha passagem, episódio em que acompanhamos o narrador dialogando com um garoto que traduz as informações recebidas de sua irmã que, por sua vez, tem poderes de vidente e hermética pitonisa:

- *Você é só maya.*  
— *E o que é maya?*  
— *É a aparência do mundo - respondeu o garoto -, mas é só ilusão, o que conta é o atma.*  
— *E o atma o que é?*  
*O garoto sorriu da minha ignorância.*
- *The soul - disse -, a alma individual (p. 61).*

Então, procurando o **atma**, também vamos embrenhando em uma Índia vaga e confusa, de pequenos quartos de hotel, curiosas paisagens, inquietantes presenças e encontros. Por toda parte retorna a difusa procura não revelada, a verdadeira identidade. É o cardiologista, irônico, com sua especialidade médica tão pouco aproveitável em um país como a Índia, que a certa altura comenta:

- *Na Índia, muita gente se perde, (...) é um país feito de propósito para isso (p. 20).*

Nessa expedição enfrentamos sempre um desafio angustiante: demasiados silêncios, demasiadas ambigüidades, atormentadora intuição de que a vida não basta, consciência do exílio, da precariedade da existência, vida feita de acasos e coincidências, interrogações e busca de um nexos. O narrador confessa:

- procuo não ficar no mesmo hotel mais de uma noite (...).  
Gosto de mudar (...), carrego só esta pequena mala comigo  
(p. 23).*

Observamos que a literatura de Antonio Tabucchi, como muito do que se escreve atualmente, carrega na marca de uma sensibilidade plena de nostalgia. Ela nos habituou a identificar o **mal do século XX**: a perda do significado da existência, individual e coletiva; a provisoriade do real, a força da alienação, a necessidade de uma viagem radical de busca de sentido. Assim, lembra o protagonista:

- conversávamos sobre coisas fracassadas, sobre erros; um, por exemplo, falava de um homem que passa a vida sonhando com uma viagem e quando, finalmente, chega o dia em que pode fazê-la, se dá conta de que não tem mais vontade de viajar (p. 25).*

Facilmente podemos perceber uma referência indireta a Fernando Pessoa, presença tutelar que percorre e influencia os textos ficcionais de Tabucchi. Cabe lembrar que Tabucchi é autor de importantes ensaios sobre o poeta; traduziu sua obra para o italiano e, além do mais, deve-se mencionar que atualmente trabalha como docente de Literatura Portuguesa em Gênova.

Com a inquietação do viajante, presente e acossadora a pontuar cada página, o *Noturno indiano* carrega o apelo de seu universo. Antes de mais nada há algo de poético e fascinante no livro: o seu lado inconclusivo ou intransitivo, não se resumindo a história alguma, embora seja uma história. Há também e sobretudo uma sensação da vida esvaziada da vida. Encontramos um tipo de antiliteratura que, bem-humorada, paródica, fantasiosa, tende no entanto a problematizar ao máximo nossa percepção da experiência e da própria literatura. Como no episódio em que o narrador encontra, num vagão iluminado por uma fraca lamparina azulada, um velho sacerdote que lhe interroga: *O que fazemos dentro destes corpos?* Resposta do protagonista: *Talvez viajemos dentro deles* (p. 35). Logo depois ficamos sabendo que o sacerdote seguia para uma cidade santa - Varanasi -, para morrer. Viajava para abraçar sua morte ritualística. Despedem-se então:

— (...) *Suponho que não teremos mais ocasião de nos vermos com as aparências sob as quais nos conhecemos, estas nossas atuais malas.*

— *Desejo-lhe uma boa viagem.*

— *Boa viagem também para o senhor - respondi* (p. 39).

Algumas páginas depois, na Sociedade Teosófica, a experiência já vivida se reilumina e se completa. O mestre gnóstico, também ele apreciador de Fernando Pessoa, cita para o narrador uma passagem de Victor Hugo em *Os trabalhadores do mar*:

*O corpo humano poderia ser apenas uma aparência. Ele esconde a nossa realidade, ele se condensa sobre nossa luz ou nossa sombra* (p. 47).

Nesse exemplo podemos entrever o gosto de Tabucchi pela referência literária, que faz funcionar como real **real**, aquilo que é, apenas, real literário. Mas não é exatamente para isso que serve a literatura?

Percorremos o itinerário de um texto experimental e lúdico que ilumina os porões da subjetividade, desfaz o enredo em uma série de **notas e fragmentos**, apresenta uma espécie de caderno de apontamentos de noturnas viagens ou, permitindo-se o termo, um **noitário** (*nachtbuch*). Esse romance imita o romance, sobretudo trata-se de uma literatura acerca da literatura. Podemos situá-lo, empregando a expressão de John Barth, dentro daquilo que se denominou como **literatura do esgotamento** (ou da **exaustão**), processo no qual as possibilidades expressivas são conduzidas até seus limites. Montagem de um fascinante labirinto de erudição e tensão, livro recheado de intertextos e, como diria Ítalo Calvino, lapidado com as qualidades exigidas e necessárias para o próximo milênio. Uma obra da proliferação, fértil condensação do incontável ou, se for preferível, verdadeiro trabalho **po(i)ético**.

\* \* \*

Assim, em linhas muito gerais, apresentamos essa forma de ver a viagem como risco, descoberta, tentação. Um chamado que se torna irresistível, por mais fortes que as cordas estejam atadas aos mastros. Parece haver algo rebrilhando no fundo: subversão da temporalidade cotidiana, discussão acerca das direções do viver, rumos, antecipações e a sempre presente iminência da morte que, como lucidamente apontou Walter Benjamin, é a pedra fundante da narrativa. A literatura de Tabucchi também escuta esse chamado: a deriva da existência num oceano lingüístico inseguro.

Para Tabucchi parece haver uma vinculação profunda entre o viajante e o artista: naufragos do real, ao sabor dos ventos e dos signos num mar de fragmentos, eles se situam de um modo peculiar ante a vida. Parece que na viagem o homem assiste ao espetáculo de sua imaginação; a trágica certeza da ausência do país natal permite o aparecimento de lugares mágicos.

Na Europa a vida é uma série de problemas que devem ser resolvidos. Na Índia a vida é uma série de limitações que devem ser respeitadas. O livro, a peregrinação de um intelectual ocidental, cujo nome

não é revelado, vagando pela Índia à procura de seu amigo português que nunca aparece - esta viagem do sem nome atrás do sem corpo - vai findar, em última análise, na estação Destino.

O amante do detalhe, da minúcia e da inteligência nas letras vai admirar essa prosa que cresce naquilo que deixa entrever, mais do que naquilo que declara explicitamente. Texto marcado por inteligentes jogos de espelhamentos mútuos, inversões, reversões, pastichos e diversões.

Como compreender melhor essa radical viagem de exploração da nossa geografia interior? Talvez o francês Albert Camus, também ele um viajante incansável, tenha se aproximado da resposta, afirmando em seu ensaio *O mito de Sísifo*:

*O que dá valor à viagem é o medo. É o futo de que, num certo momento, quando estamos tão longe de nosso país, somos tomados por um vago receio e por um desejo instintivo de voltar à proteção dos velhos hábitos. Nesse momento, atravessamos uma cascata de luz e ali está a eternidade. Viajar é uma ciência grande e grave que nos traz de volta a nós mesmos (p. 73).*

Vale lembrar também o Fernando Pessoa (Bernardo Soares) que em certa passagem de seu *Livro do desassossego*, como sempre espantosamente preciso, comenta:

*Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre eguaes e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são (I, p. 124).*

Desdobrando a surpreendente Índia dos nossos imaginários, Tabucchi alcança a tão almejada afinação do Rouxinol (apelido do amigo insistentemente procurado); também o narrador, por fim, vai adotar esse cognome, assumindo sua porção pássaro, sua clave de “cantor noturno”, sua pauta e escala de mensageiro de sussurros inconscientes e da boa prosa de ficção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMUS, A. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Trad. Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Livros do Brasil, 1988.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego*. vols. I e II, recolha de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, edição e prefácio de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.
- TABUCCHI, A. *Noturno indiano*. Trad. Wander Melo Miranda. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARTH, J. The literature of exhaustion. *The Atlantic*. 220, 1967.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: \_\_\_\_. *Obras escolhidas*. vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALVINO, Í. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.